

## As raízes rurais e folclóricas dos Figureiros de Taubaté<sup>1</sup>

Prof. Armindo Boll (UNITAU)<sup>2</sup>

Prof. Dr. Fabio Ricci (UNITAU)<sup>3</sup>

Prof. Marcelo Pires de Oliveira (UNITAU)<sup>4</sup>

### Resumo

A pesquisa com as “Figureiras de Taubaté” já nos conduziu a diversas reflexões: a primeira, sobre a metodologia para coletar as informações necessárias, no caso a História Oral. Depois, a teoria que deveria guiar nossas análises e interpretações, o que nos levou às considerações de Luiz Beltrão e sua teoria da Folkcomunicação. E agora uma dúvida que vem nos perturbando desde o princípio e que após um longo processo de reflexão nos possibilita teorizar sobre a maneira especial como a tradição da moldagem do barro, típica da zona rural se encontra reproduzida há várias gerações dentro da zona urbana. Acreditamos que nossas reflexões lançem uma luz sobre esta questão e que sejam capazes de explicar como o processo de urbanização diferenciado que ocorreu na cidade de Taubaté contribuiu para a manutenção e preservação desta tradição.

Palavras Chave: Folkcomunicação; Figureiras; História Oral; Taubaté

Para iniciarmos nossa reflexão é necessário retomar o processo de colonização primordial do Estado de São Paulo e sua evolução ao longo do tempo. Devemos lembrar que no princípio o Estado de São Paulo pouco oferecia de vantajoso para as aspirações da coroa portuguesa e que seu desenvolvimento econômico e populacional ocorreu de forma mais lenta e gradual, sendo que os grandes responsáveis pela sua expansão territorial foram os desbravadores denominados bandeirantes.

O povoamento paulista, que se limitara ao litoral e ao planalto de Piratininga, se expandiu durante os séculos XVI e XVII pelos vales dos rios Tietê e Paraíba do Sul.

Jacques Felix recebeu, do governador Francisco da Rocha, provisão autorizando a demarcar terras da condessa de Vimiero, donatária da capitania de Itanhaém.

---

<sup>1</sup> Trabalho Apresentado ao NP 17 – Folkcomunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Professor e Pesquisador da Universidade de Taubaté, Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

<sup>3</sup> Doutor em história econômica-USP. Professor no curso de mestrado em gestão e desenvolvimento regional e nos cursos de graduação nas disciplinas Teoria Política e economia brasileira na Universidade de Taubaté.

<sup>4</sup> Professor e Pesquisador da Universidade de Taubaté, Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas e doutorando em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Em 20 de Janeiro de 1637 fundou um aldeamento na região central do Vale do Rio Paraíba. Anos depois, em 5 de Dezembro de 1645, a aldeia recebeu a designação de São Francisco das Chagas, foi elevada à categoria de Vila.

O nome Taubaté é originário do vocabulário indígena e já foi escrito de várias formas: Taoboathé, Taybaté, Tabuathé. Recebe também muitas interpretações : Taba ( aldeia) e Eté (legítima, verdadeira) significando o aldeamento principal; Tauá (barro legítimo)<sup>5</sup>.

A cidade desempenhou papel relevante na evolução histórica e econômica do país. No ciclo do ouro foi núcleo irradiador do bandeirismo, abastecendo a região das minas com víveres e possuindo uma casa de fundição de ouro de onde era retirado o quinto real.

No início do período republicano, embora a região já estivesse com a cultura cafeeira decadente, o município passou a ser o maior produtor regional deste artigo, respondendo por pouco menos de um por cento da produção total do estado de São Paulo.

Os Frades da Ordem de São Francisco, o padroeiro da cidade, vieram para Taubaté em 1674, e o convento da ordem franciscana foi construído em 1678. Os franciscanos destacaram-se por acompanhar as bandeiras e expedições ao sertão, empreendidas pelos Taubateanos.

Por causa da religiosidade da população local tiveram uma forte influência na formação da cidade. Eles ficaram conhecidos por sua dedicação ao uso das ervas medicinais e no tratamento dos enfermos, além da sua atenção especial pelas artes e ofícios, como a carpintaria, a marcenaria e a escultura.

É com a escultura que se iniciou uma das mais antigas tradições artísticas da cidade. Consta que os frades franciscanos introduziram na cidade o culto ao presépio, atribuído à São Francisco de Assis, que teria feito o primeiro presépio de Natal na Itália.

Aqueles moradores da cidade que possuíam recursos, conseguiam importar as peças da Europa, mas os moradores mais pobres aprenderam, com os frades, a fazer suas próprias figuras, tradição que se mantém até os dias de hoje.

Segundo a tradição transmitida pelos atuais figureiros, a maioria dos artesãos são descendentes de uma população rural que, ao ser incorporada pelo núcleo urbano, buscava nas figuras uma maneira de reencontrar suas raízes rurais.

---

<sup>5</sup> Vários autores, entre eles, Teodoro Sampaio; Plínio Arosa; Diogo Vasconcelos; Carlos Frederico Von Martius; e Maria Morgado de Abreu se ocuparam com muita propriedade da história da cidade de Taubaté e da sua Toponímia, portanto, fica, neste trabalho, apenas a indicação de uma das muitas interpretações existentes para a sua raiz.

O que seria um elemento importante para explicitar a transferência/sobrevivência da cultura popular inserida na zona urbana é o que classificamos como fenômeno da rururbanização. Siqueira (1978) o define como sendo a transferência das relações sociais construídas sob a economia cafeeira e as interações dos “Barões do café” com o caipira. O “Caipira” é caracterizado como sendo um pequeno produtor familiar, baseando sua relação econômica no modelo de produção de excedentes e de serviços. Livre e pobre, submetido às necessidades do fornecimento de gêneros aos escravos da fazenda, ele criou o seu espaço de expressão própria numa relação de dependência e submissão (Brandão, 1987).

O que diferencia Taubaté dos grandes núcleos urbanos com população próxima de 300 mil habitantes nos dias atuais é sua dinâmica no processo de urbanização.

O Vale do Paraíba modificou-se substancialmente com o ciclo do café, com o fluxo de capitais ingleses que construíram a estrada de ferro Dom Pedro II. Só em Taubaté mais de 80 fazendas se desenvolveram durante este período. Com a decadência do café na região, os capitais existentes ficaram disponíveis para buscar outras oportunidades de investimentos. A abolição da escravatura apressou a escolha pela criação de gado, uma vez que esta atividade econômica é menos intensiva em mão de obra, ocupando menos trabalhadores. Desta forma, os antigos trabalhadores das fazendas, sejam escravos libertos ou homens livres, foram para as cidades como mão de obra disponível, com poucas pretensões políticas e remuneratórias. (IANNI, 1987)

Para explicitar o processo de expansão e decadência da região podemos destacar que o censo de 1872 apontava uma população de 20 mil habitantes em Taubaté, 29 mil na cidade de São Paulo e 22 mil em São Luis do Paraitinga.

Já em 1935, durante a decadência do ciclo cafeeiro, Taubaté possuía cerca de 40 mil habitantes, São Paulo cerca de 2 milhões e São Luís em torno de 15 mil. Atualmente são 260 mil em Taubaté, 10 milhões em São Paulo e 10 mil em São Luiz do Paraitinga.

Tabela 1

	Taubaté	São Paulo	São Luis do Paraitinga
1872	20 mil habitantes	29 mil habitantes	22 mil habitantes
1935	40 mil habitantes	2 milhões de habitantes	15 mil habitantes
2005	260 mil habitantes	10 milhões de habitantes	10 mil habitantes

Fonte: IBGE – 2005

Essa dinâmica, em Taubaté e nos municípios próximos, fez com que, a um só tempo, a zona rural fosse paulatinamente agregada à zona urbana, sem romper as suas características fundamentais de relações sociais e as migrações se realizassem, predominantemente, a partir dos municípios próximos, transferindo para a periferia da cidade de Taubaté a cultura rural, nos seus aspectos políticos, econômicos e sociais, objeto deste artigo, que não foi influenciada por nenhuma outra cultura exógena.

Com isso as manifestações de cultura popular, próprias de Taubaté, sofreram pouca influência externa e puderam, ao longo do tempo, sobreviver e perpetuar uma tradição calcada nos valores e representações rurais.

Nesse grupo de manifestações destaca-se a comunidade dos “Figureiros”, localizada em uma região que, até meados do século XX era zona rural e que a partir de então passou a fazer parte da periferia urbana. Como foi descrito acima, o processo de urbanização no município de Taubaté ocorreu lenta e continuamente, sendo que o processo de expansão urbana não descaracterizou a formação originária dos seus bairros periféricos, por não terem sido atingidos pela especulação observada nos processos de re-urbanização dos grandes núcleos urbanos, que expulsa os seus habitantes tradicionais e redesenha os espaços habitacionais alterando o perfil de seus habitantes e de suas habitações.

Em Taubaté, em especial no bairro do Alto do São Pedro onde se localizam os “Figureiros”, nota-se esse fenômeno, sendo que a cidade envolveu o bairro, mas não destruiu as divisões de terra antes estabelecidas e não desalojou as famílias, que permanecem até hoje habitando o bairro. Muitos terrenos ainda são ocupados por várias casas que pertencem a membros da mesma família que, desta forma não se desagregam e mantêm a propriedade familiar, que já não é utilizada para plantar e garantir a subsistência da família, pois os seus membros já estão incorporados nas atividades urbanas. Por este motivo a maioria busca trabalho na cidade e alguns, como forma alternativa de renda, produzem e vendem as figuras de barro, que tradicionalmente faziam parte das decorações natalinas dos presépios familiares.

As manifestações de arte popular de Taubaté, em especial a arte figurativa, seguem a tradição religiosa cristã e se mantêm graças à devoção dos artistas e do crescimento de um mercado consumidor do seu trabalho, composto por diversas pessoas que conhecem e divulgam a existência desse grupo de artistas. As figuras, que hoje se apresentam como artesanato, tem na sua raiz a tradição religiosa dos presépios de natal que, em um primeiro momento, serviam à devoção dos habitantes do campo que depois de

incorporados à cidade percebem seu valor de troca e passam a vendê-las na feira da cidade. A elaboração das figuras vai se especializando e diversificando, seguindo as várias influências que as tradições culturais e religiosas sofrem no Brasil.

“Diversas vertentes, advindas de continentes e tradições diferentes, concorreram para a formação das religiões populares no Brasil. Essa diversidade que se manifesta nas fronteiras das religiões também pode ser observada no interior das próprias tradições religiosas”.(STEIL ,2001: 33).

"As Figureiras", como são conhecidos os artistas figurativos de Taubaté, apesar de relatarem ser herdeiros de uma tradição que remonta ao século XVII, só passaram a ser conhecidos a partir da década de 1960, o que coincide com uma busca da valorização das artes populares, incentivada por um grupo de intelectuais inspirados por Câmara Cascudo, que formaram diversos núcleos de pesquisa. O mais conhecido deles era o Centro Popular de Cultura, vinculado à União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE).

“É importante porém sublinhar que a análise da ideologia do CPC deve ser referida ao momento histórico a que corresponde. Dois pontos que parecem fundamentais no que diz respeito a este período: 1) A efervescência política, que em última instância permitiu o desenvolvimento do CPC como ação revolucionário-reformista definida dentro de quadros artísticos e culturais; 2) A ideologia nacionalista que transpassa a sociedade brasileira como um todo e consolidava um bloco nacional que congregava diferentes grupos e classes sociais”. (ORTIZ ,1994:69)

Nas décadas de 1950 e 1960 Taubaté se modernizou. Expandiu-se a área urbana com a abertura de loteamentos e incorporação de vilarejos rurais periféricos à antiga zona urbana. A cidade consolidou sua vocação e, aproveitando-se da sua localização e das facilidades de comunicação entre os dois maiores centros econômicos do país, projetou-se como centro industrial. Com a indústria moderna a mentalidade do homem do Vale do Paraíba que era rural, patriarcal e personalista absorve alguns aspectos de uma nova mentalidade urbana, que busca adaptar-se aos novos tempos, alterando algumas das suas características típicas em nome da modernidade industrial. Mas apesar deste esforço, muito da antiga forma de viver ainda permanece nos costumes e hábitos tradicionais dos moradores da cidade.<sup>6</sup>

Ao mesmo tempo que a cidade de Taubaté foi se modernizando, a busca por tradições folclóricas se intensificou no Brasil, seguindo a tendência mundial das pesquisas com aquilo que foi batizado de “saber popular”

---

<sup>6</sup> Este conceito de mudança de mentalidade rural para quase urbana pode ser melhor compreendido com a leitura de Sergio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil

“Apesar da larga aceitação do vocábulo folclore, que acabou substituindo "antiguidades populares", "literatura popular" ou mesmo "antiguidades literárias", estudiosos das mais diversas origens têm utilizado outros títulos para designar a matéria. Ingleses mesmo usam "folkways"; franceses: 'tradicionalismo', 'antropopsicologia', 'demopsiquia'; espanhóis: 'demosofia', 'demopedia', 'tradições populares'; italianos: 'demopsicologia', 'ciência démica', 'etnografia'; alemães: 'volkskunde'; portugueses: 'etnografia'. No Brasil, Joaquim Ribeiro sugeriu, para substituir folclore, a expressão 'populário'. Ultimamente, passou a ser adotado na Inglaterra, e, depois, nos Estados Unidos, a expressão 'folklife', que se origina do sueco 'folkliv'.” (LIMA, 2003-3)

É atribuída ao folclorista e criador do Museu do Folclore em São Paulo, Rossini Tavares de Lima a divulgação nacional e internacional do trabalho das Figureiras de Taubaté, que se iniciou exatamente na década de 1960.

Curioso é perceber o movimento de conflito e complementaridade existente nas relações de modernização e conservação da cultura. É também na década de 1960 que se inicia o processo de expansão da industrialização pesada para o interior e, particularmente em Taubaté, ocorre a instalação de uma primeira grande indústria de bens de capital multinacional, que abre caminho para outras grandes unidades multinacionais que virão se instalar no município na década seguinte. Dessa forma, podemos inferir que a própria expansão da indústria gerou mais visibilidade para os aspectos das culturas tradicionais locais.

Com o passar do tempo o grupo de “Figureiros” foi aumentando em número e com isso novas influências artísticas foram incorporadas ao conjunto de obras disponíveis para a venda assumindo a função de arte e cultura popular, apesar de muitos jornais destacarem o grupo como artistas folclóricos.

“Rompe-se, desta forma, a identidade forjada entre folclore e cultura popular. Enquanto o folclore é interpretado como sendo as manifestações culturais de cunho tradicional, a noção de “cultura popular” é definida em termos exclusivos de transformação. Critica-se a posição do folclorista, que corresponderia a uma atitude de paternalismo cultural, para enfim implantar as bases de um política cultural segundo uma orientação reformista-revolucionária.”. (ORTIZ,1994:71)

Atualmente o desenvolvimento econômico e social da cidade determina uma nova categoria de clientes/consumidores das obras dos figureiros. Os que antes eram apenas compradores sazonais, isto é, vinham às vésperas do Natal em busca de peças novas para comporem seus presépios, passaram, em um primeiro momento, a procurar as peças com regularidade, nos finais de semana, na feira da cidade, local em que os artesãos estabeleceram um ponto de venda da sua produção.

No início eram artistas anônimos e, muitas vezes, operários menos qualificados das fábricas da cidade e, portanto, com baixa remuneração, que buscavam na tradição familiar um rendimento extra que pudesse possibilitar uma melhora nas suas condições de vida.

Depois da década de 1960, com o advento da sua midiatização, com as matérias jornalísticas e a grande procura pela cultura popular, as bancas da feira foram trocadas pelos ateliês das casas da rua de chão batido, na ladeira da Rua Imaculada(atualmente a rua está asfaltada sendo que o tráfego de clientes continua intenso).

Desde a década de 1980 os artistas se organizaram em uma cooperativa e a partir dela melhoraram as condições de produção e divulgação de seu trabalho, com a instalação da Casa do Figureiro, que tem um ateliê coletivo com bancadas e um forno de queima das figuras, além de uma área de exposição e venda onde são recebidos visitantes e realizadas eventos e que fica localizado no mesmo bairro de origem do grupo.

Com a reestruturação produtiva e o fenômeno da globalização ampliaram-se as potencialidades folclóricas e turísticas. A casa do figureiro possibilitou a expansão desta atividade para outros bairros do município, sem no entanto permitir que se desfigurasse o seu trabalho, matendo as linhas tradicionais através da transmissão do saber e da arte para todos aqueles desejosos de aprender a sua técnica.

Foi com o reconhecimento nacional e internacional, que os artistas passaram, através da mídia, a se valorizar e muitos, até hoje podem sobreviver da sua arte.

A midiatização destes artistas não é fenômeno isolado, pois ele se repetiu em diversos outros locais do Brasil e fez parte de um movimento intelectual não-articulado que evidenciou uma série de tradições seculares e populares. Valorizando alguns artistas, ao mesmo tempo que sepultou tantos outros, relegando-os ao esquecimento. Este movimento intelectual, com a chancela da “pesquisa” e do “douto” saber da academia, fez suas escolhas de temas e de assuntos importantes, destacando e alçando à categoria de mestres alguns poucos artistas escolhidos, enquanto eclipsavam e levavam ao obscurantismo outros deles tão talentosos quanto os escolhidos.

Em Taubaté tal fenômeno também ocorreu. A partir das pesquisas do folclorista Rossini Tavares de Lima, as três irmãs Santos: Maria Edith(já falecida); Maria Cândida e Maria Luiza são atualmente as detentoras do status de “Figureiras de Taubaté” e, em contrapartida, outros artistas que afirmam ter a mesma descendência artística não são valorizados pela mídia. O que podemos descobrir sobre os demais artistas só foi

possível através da pesquisa com apoio da metodologia da História Oral, que com as entrevistas com esses artistas nos possibilitou um mergulho no seu Universo.

Mas enquanto os Figureiros nos fornecem informações sobre sua história e sobre os embates internos do seu grupo, também podemos perceber que a urbanização que os atingiu, apesar de não negar a raiz rural e folclórica desta arte traz em si um perigo, que é a presença massiva dos meios de comunicação, que se apropriam das manifestações culturais e que, ao fazerem isso, as matam, como destaca Sebastião Breguez :

“O rádio, a televisão, o cinema, o jornal, as revistas, as publicações em geral, estão matando o folclore na medida em que as camadas populares têm acesso aos meios de comunicação. Na medida em que uma sociedade subdesenvolvida vai passando pelo processo de desenvolvimento e industrialização, onde as condições pré-capitalistas de existência, as estruturas sociais arcaicas, o analfabetismo, o pauperismo, a sub-higiene, a fraca alimentação, vão sendo substituídas por condições mais compatíveis com a dignidade humana. Por isso, diz Edson Carneiro que as manifestações coletivas do folclore são encontradas em regiões brasileiras, como por exemplo o litoral paraense, o interior da Paraíba, o Recôncavo Baiano, zonas de notório atraso econômico, de pobreza crônica do povo, de condições pré-capitalistas de existência”( BREGUEZ, 2004:36)

A influência rural presente na arte dos figureiros remonta à vários fatores, que não apenas o subdesenvolvimento e pobreza, pois estão também ligados à tradição da própria cidade de Taubaté, que teve um desenvolvimento industrial e urbano diferenciado das demais cidades da sua região e do Brasil. É por isso que devemos considerar esta manifestação de arte popular como um legado das gerações anteriores bem mais do que uma evolução midiática de um modo de vida tido como folclórico.

Atualmente as novas gerações de “Figureiros” já dialogam com as diversas pressões da globalização, aceitando que a sua arte é tanto uma forma de resistência inteligente a esse fenômeno, como um diferencial que os coloca em uma posição privilegiada de captação de recursos provenientes do comércio de artesanato e artigos folclóricos. Pois todos eles já aprenderam a agregar ao seu produto o diferencial mercadológico da tradição passada através das gerações dentro das mesmas famílias. Esta história, contada e recontada a todos aqueles que vem comprar as peças, aumenta o seu valor de venda, pois cada peça já não é mais um simples artefato de decoração, mas um legado de gerações passadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R.. Os Caipiras de São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.



- BREGUEZ, S (org) Folkcomunicação: Resistência Cultural na Sociedade Globalizada Belo Horizonte: Intercom, 2004
- FERREIRA, M. N. Convento de Santa Clara, Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e letras, 2000 – Trabalho de Conclusão de Curso
- HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. 16 ed São Paulo, Companhia das Letras, 2005
- IANNI, O A Formação do Estado Populista na América Latina São Paulo, Ática, 1987
- LIMA, R T Abecê de Folclore. 7ed São Paulo. Martins Fontes, 2003
- SIQUEIRA, S. A. Estiva: Estudo de um Bairro. Taubaté: IEB/UNITAU, 1978.
- STEIL, C. A in: VALLA, V. V. “Religião e Cultura Popular” Rio de Janeiro: DP&A, 2001
- ORTIZ, R. “Cultura Brasileira & Identidade Nacional” São Paulo: Brasiliense, 1994